
Camões, um nome vivo entre Carlos de Oliveira e Gastão Cruz

*Camões, a living name between Carlos de Oliveira and
Gastão Cruz*

Ida Alves

Universidade Federal Fluminense / CNPq

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1423>

RESUMO

Neste artigo, lembramos o convívio, no Portugal Salazarista, entre escritores neorrealistas e outros que dialogaram com eles, estabelecendo por meio da palavra literária formas de resistência ao regime e a suas ações de censura e opressão. Destacamos a figura literária de Carlos de Oliveira e materiais que se encontram em seu espólio no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira. Na correspondência recebida, observamos, a partir de um exemplo, como Camões e sua obra foram lidos e confrontados, seja pelo Salazarismo, seja pelos escritores em oposição.

PALAVRAS-CHAVE: Camões; Salazarismo; Neorrealismo; Carlos de Oliveira; Gastão Cruz; Poesia Portuguesa do século XX.

ABSTRACT

In this article, we recall the interaction, in Salazarist Portugal, between neorealist writers and others who engaged with them, establishing, through literary means, forms of resistance to the regime and its censorship and oppression. We highlight the literary figure of Carlos de Oliveira and the materials found in his collection at the Museum of Neorealism in Vila Franca de Xira. In the correspondence received, we

observe, through one example, how Camões and his work were read and confronted, both by Salazarism and by writers in opposition.

KEYWORDS: Camões; Salazarism; Neorealism; Carlos de Oliveira; Gastão Cruz; Portuguese Poetry of the 20th Century.

Dos heróis que cantaste, que restou
senão a melodia do teu canto?
As armas em ferrugem se desfazem,
os barões nos jazigos dizem nada.
É teu verso, teu rude e teu suave
balanço de consoantes e vogais,
teu ritmo de oceano soffreado
que os lembra ainda e sempre, lembrará.
[...]

Luís, homem estranho, que pelo verbo
és, mais que amador, o próprio amor
latejante, esquecido, revoltado,
submisso, renascente, re florindo
em cem mil corações multiplicado.
És a linguagem. Dor particular
deixa de existir para fazer-se
dor de todos os homens, musical,
na voz de órfico acento, peregrina.
[...]

(Andrade, 1992, p. 779).

No ano de 2024, ocorreram diversos eventos para celebrar os 50 anos da Revolução dos Cravos e é de justiça rememorar as condições difíceis que cercavam o trabalho literário dos anos 30 a 70 em Portugal. Nesse contexto de memória e homenagem, foi recorrente a citação de prosadores como José Cardoso Pires, José Saramago, Lúcia Jorge e, na poesia, Sophia de M. B. Andresen, Mário Cesariny, Ma-

ria Teresa Horta e Manuel Alegre, demarcando-se obras e poemas específicos que externaram a ânsia de liberdade, o combate à ditadura e a alegria depois com o 25 de Abril. No entanto, não podemos esquecer outros escritores portugueses, hoje menos visitados, que atuaram sem esmorecer contra o fascismo vigente e que sofreram diretamente com o famigerado “lápiz azul” nas ações de censura a jornais e livros, além do cerceamento pessoal imposto pelo regime ao longo de suas vidas. Por isso, desejamos contribuir neste número especial não apenas lembrando o convívio literário entre escritores neorrealistas e outros que dialogaram com eles nesse Portugal silenciado, como também observando como Camões e sua obra foram recebidos e/ou confrontados, seja pelo discurso salazarista, seja pelos escritores na oposição.

Partimos de uma figura central do círculo neorrealista, o poeta e romancista Carlos de Oliveira (1921-1981), um dos mais significativos escritores portugueses do século XX. Nasceu em Belém (Pará, Brasil), de pais portugueses emigrantes, mas muito criança (cerca de dois anos) passou a viver¹, em Portugal, numa região que sua obra depois configurou social e visualmente como a “gândara” (com suas pobres aldeias à volta de Cantanhede, cidade próxima a Coimbra). O autor foi marxista e filiado até 1952 ao Partido Comunista Português (PCP)². Desde 1948, passou a viver em Lisboa, mas foi sobre a

¹ A família passou a viver inicialmente em Camarneira e, alguns anos depois, na aldeia de Nossa Senhora das Febres. O pai do escritor era médico municipal. Atualmente, na Vila de Febres, a casa da família transformou-se no Museu Casa Carlos de Oliveira. Ver Mendes (c2025).

² O PCP participou ativamente da oposição ao Regime e era o partido mais forte e organizado, o mais antigo partido político português com existência contínua desde março de 1921. Sobre a história do partido, verificar o site “100 Anos de Luta” (A vida [...], [20--]).

gândara que sua escrita elaborou uma visão de mundo e um modo de criação.

[...] A secura, a aridez desta linguagem, fabrico-a e fabrica-se em parte de materiais vindos de longe: saibro, cal árvores, musgo. E gente, numa grande solidão de areia. A paisagem da infância que não é nenhum paraíso perdido mas a pobreza, a nudez, a carência de quase tudo (Oliveira, 1992, p. 588).

Sua obra atesta não só o compromisso social, político e ético na discussão da literatura e da realidade portuguesa sob o Salazarismo³, como demonstra, até na sua relativa pouca extensão ao longo das décadas, uma extrema exigência estética confirmada pelo rigor de linguagem de que se valia para discutir temas caros ao seu trabalho literário: memória, escassez, figurações do real, processos de escrita e leitura. O seu processo contínuo de reescrita de obras já tão referido pela crítica confirma bem essa demanda de expressão depurada.

A leitura atenta de sua poética evidencia estarmos frente a um autor clássico, no sentido de diálogo intenso com a tradição, pela busca de harmonia, beleza e rigor do verso. Nesse sentido, é recorrente que o poeta figure em suas obras cenas de leitura e nelas, com mesa, caneta e luz do abajour, haja livros antigos abertos e dialogantes. Ainda que não nomeie diretamente, trabalha com elementos que nos levam, como leitores, a *Os Lusíadas* e à lírica camoniana. São

³Carlos de Oliveira sofreu também censura editorial, especialmente no caso de seu segundo romance, *Alcateia* (1944). A obra foi recolhida, o que levou o autor a fazer uma segunda edição com certas passagens excluídas (2ª e última edição, 1945). Em vida, não mais republicaria esse livro. A respeito ver artigo de Hignett (1988). Só muito recentemente, no seu centenário de nascimento, a sua atual editora, Assírio & Alvim, republicou a segunda edição de *Alcateia*, fora das *Obras* de Carlos de Oliveira, com prefácio de Osvaldo Silvestre.

materiais de escrita que muito ecoam a voz de Camões, evidenciando o seu poder de criação e a força de sua palavra crítica capaz de atravessar os séculos. Em *Noite inquieta*, poema longo de Carlos de Oliveira, com primeira versão em 1948, já se enuncia essa cena de leitura necessária para criar:

[...]

E assim escrevendo, solto a vida presa
nos vultos que em tumulto me visitam:
tenho livros abertos sobre a mesa
com páginas silenciosas que meditam.

Abertos como frutos, como factos
onde busco a verdade, a luz latente:
livros simples, cálidos, exactos,
com sonhos que a insónia me consente.

[...]

(Oliveira, 1992, p. 84).

Essa relação assumida com os grandes escritores clássicos, sobretudo com os versos camonianos, será referida ao longo de sua obra e está presente também no último livro de poesia – *Pastoral* – de 1977, em dois diferentes poemas: “Leitura” e “Dentes”. No primeiro, lemos:

[...]

Assim se movem
as nuvens comovidas
no anoitecer
dos grandes textos clássicos.

Perdem mais densidade;
ascendem na pálida aleluia
de que fulgor ainda?

e são agora
cumes de colinas rarefeitas
policopiando à pressa
a demora das outras
feitas de peso e sombra.
(Oliveira, 1992, p. 401-402).

E no segundo:

Os dentes, porque são dentes,
iniciais. Na espuma,
porque não são saliva
estas ondas
pouco mordentes; este
sal que sobe quase
doce; donde?

Numa espécie
de fogo: amor é fogo
que arde sem se ver;
porque não é
de facto fogo este frio aceso;
da saliva à lava
passa pela espuma.

Só os dentes.
Duros, ácidos, concentram-se
tacteando a pele,
tatuando signos sempre moventes
de fúria. Mordida
a pele cintila; espelho
dos dentes, do seu esmalte voraz;
suavemente.
(Oliveira, 1992, p. 403-404).

Também na poesia de outros poetas neorrealistas ou de poetas mais jovens em diálogo, a obra camoniana ressoará, mesmo que sem referência explícita. Havia como que um duelo de imagens de Camões entre o que era imposto pela política cultural salazarista e o que realmente havia, na escrita do poeta do século XVI, de resistência ao vil metal (e a suas consequências nefastas coletivamente) e de denúncia de um poder cego a levar o país à sua derrocada e à perda de um projeto superior de nação

Já foi bem comentado por alguns autores como o projeto salazarista usou a obra camoniana para uma leitura que ratificasse determinados valores e versões de mundo. A bem da verdade, desde o século XVI, vários aliás foram os retratos literários de Camões. É no século XIX, com Garrett e Herculano, que *Os Lusíadas* ligam-se intimamente à pátria, numa visão nacionalista e valorativa de seu fado. No final do século XIX, a geração republicana também fará sua leitura própria discutindo as causas da decadência de Portugal. Com o Estado Novo, será acentuada a visão gloriosa do passado, a lição heroica e a perspectiva imperial/colonial de Portugal, impondo silêncio/censura sobre os excursos críticos de *Os Lusíadas* e o erotismo reinante na Ilha dos Amores.

Como demonstra o investigador português Carlos M. F. da Cunha (2012), no artigo “O Camões do Estado Novo: receção e ensino”, o controle da interpretação dos textos camonianos “vai desde 1895 a 1974” e os programas escolares desde 1905 indicam “*Os Lusíadas*, como ‘a mais perfeita escola de patriotismo em que pode iniciar-se a mocidade portuguesa’” e recomendam que “se façam ‘as omissões convenientes’” (Cunha, 2012, p. 255). O autor explica, de forma esclarecedora, como o regime salazarista buscou “ocultar ou subvalorizar a componente ideológica dos autores considerados problemáticos” (Cunha, 2012, p. 256), estetizando a sua ideologia nacionalista e imperial.

Mesmo após o 25 de Abril, comenta o autor:

ironicamente, este regresso ao texto não impediu novas derivas ideológicas em torno da obra camoniana a partir do 25 de Abril de 1974. Depois de um Camões do ‘Estado Novo’, tivemos um Camões ‘pós-25 de Abril de 1974’ e de um Camões ‘pós-revolucionário’. É por isso inevitável voltar a cada passo à dimensão política da obra camoniana, pelo diálogo que a sua obra sempre manteve com a sua época [...] e com o momento histórico dos seus leitores, sobretudo a partir do século XIX. Afinal, foi essa forte articulação que contribuiu para o lugar central que ainda hoje ocupa na nossa mitologia cultural. É por isso que, de certo modo, todos somos contemporâneos de Camões (Cunha, 2012, p.257-258).

No entanto, os escritores opositores ao regime sempre foram atentos ao que era feito e, se havia uma força centrípeta por parte do regime para imobilizar o texto camoniano, a força centrífuga produzida por esses autores nunca cessou de opor resistência e de deslocar sua escrita.

Voltando a Carlos de Oliveira, como leitor de clássicos, em *O aprendiz de feiticeiro*⁴, no hibridismo dos 24 textos que formam essa coletânea⁵ (comentários a obras ou sobre escritores, crônicas, esboços de textos literários, reflexões metaliterárias sobre seus livros e alheios), além de discutir tradição e renovação, literatura e compromisso social, leitura e escrita, tal obra é muito rica em questões sobre a situação do escritor, a produção literária moderna e os impasses

⁴ Citamos esse livro considerando a edição definitiva incluída no volume único de *Obras* de Carlos de Oliveira (1992).

⁵ Os textos haviam sido redigidos (alguns publicados) originalmente nas décadas de 40, 50 e 60. Para a publicação em *O aprendiz de feiticeiro*, 1ª. edição de 1971, os mais antigos foram especialmente revistos ou mesmo reescritos.

da criação num país afundado na miséria, no analfabetismo e na ditadura. Sem expressar diretamente essa situação histórica, os textos e seus eixos temáticos reverberam, na sua matéria crítica “submersa”, as dificuldades de viver num regime de opressão que exigia o silenciamento e alienava o povo com discursos nacionalistas, estabelecendo imagens enganadoras sobre a real situação do país. Não à toa, durante a vigência do Regime, a máquina cultural dominante buscava sustentar, internamente, um autorretrato português de importância na geopolítica ocidental da primeira metade do século XX, exportando ideias turísticas valorativas do pequeno país à beira do Atlântico, isolado das convulsões que abalavam a Europa dos anos 30 a 50: eram comuns os chavões “Portugal, o jardim da Europa”; “O português, povo de brandos costumes”, além de alimentar o orgulho nacional com a sobrevalorização do passado marítimo glorioso de Portugal, que se estendeu pelo mundo levando sua cultura e tradições. O (ab)uso da obra camoniana reflete bem o movimento dessa máquina cultural do Regime que atuava no imaginário coletivo, o que pode ser resumido na persistência do colonialismo em África, e na exaltação da presença portuguesa no mundo, sob a legenda/verso de *Os Lusíadas*: “e se mais mundo houvera, lá chegara” (*Lus.*, VII, 14).

Na obra citada de Carlos de Oliveira, esse retrato do escritor que rejeita a sobrevivência autoral à custa da acomodação ou da convivência com o fascismo vai espelhar a situação de outros camaradas de Letras, que, anteriores, há muito sentiam no ombro o peso da mão do Regime que perseguia, demitia, aprisionava e marginalizava. Oliveira, por exemplo, relembra um escritor – Afonso Duarte (1884-1958) –, o qual para ele foi um mestre⁶. Era um escritor contemporâneo de Fernando Pessoa (quatro anos mais velho), com muito

⁶ Carlos de Oliveira e João José Cochofel organizaram e publicaram a poesia completa de Afonso Duarte (1956).

reconhecimento público nas décadas de 30 a 50, professor também da Escola Normal de Coimbra. Por suas pesquisas etnográficas e pela busca de novas práticas de educação infantil, ciente também das teorias de Piaget, o professor e poeta foi duramente alijado do ensino, com aposentação compulsiva, em 1932, aos 48 anos de idade. Isso interrompeu sua vida acadêmica e provocou o desgosto pessoal pela perda de projetos de pesquisa, “materiais perdidos, os alunos que não conheceu, os congressos a que não foi, as comunicações que não fez, a biografia que não teve a partir daí” (Oliveira, 1992, p. 572).

Evocando Afonso Duarte⁷, falecido em março de 1958, Carlos de Oliveira constrói seu texto para marcar, na linguagem, os modos fascistas de agir que, no caso dos intelectuais, nem sempre atuavam em termos de aprisionamento, tortura ou assassinato, mas, de forma mais covarde e insidiosa, sufocava os escritores incômodos, restringindo a circulação de sua voz, cercando-os com a censura e impondo o apagamento progressivo de sua existência, seja em jornais ou prêmios literários ou em outras atividades públicas. No entanto, como dizia aos amigos o poeta Afonso Duarte: “adiante. Resta-me a poesia e essa ninguém ma tira” (Oliveira, 1992, p. 573).

O convívio literário em anos tão duros da vida portuguesa exigiu formas também originais de resistência e enfrentamento. Os livros de memórias de escritores da época, tratando sobretudo da década de 60 e 70 – como *Os dias comuns*⁸ (1990 e 1998) e *A memória das palavras* (1966), de José Gomes Ferreira, o *Conta corrente I 1969-1981* (2012), de Vergílio Ferreira, e o *E agora, José*, de José Cardoso Pires

Em *O aprendiz de feiticeiro*, há dois textos que referem Afonso Duarte. O primeiro intitula-se “A dádiva suprema”, originalmente feito após o falecimento do poeta. O segundo, “O iceberg”, parte 2. Ver em Oliveira (1992, p.419-423; p. 569-573).

⁸ A primeira edição só ocorreu em 1990, cinco anos após a morte do autor.

(1977) –, descrevem a opressão vivida e como precisaram agir para, discursivamente, sobreviver, expondo o mundo em que viviam e as condições materiais e mentais que cercavam a produção de suas obras. Os textos de Cardoso Pires, por exemplo, são bastante esclarecedores sobre os procedimentos censórios e os modos como a censura se transformava num modo de ser e estar em sociedade e na solidão da mente.

Retrair o editor e apagar a presença social do escritor português eram dois lances do mesmo jogo que a Censura desenvolvia metódica e sistematicamente. Num conjunto de operações aparentemente dispersas, quer dificultando o apoio da imprensa ao autor, quer actuando directamente sobre as editoras, quer ainda inspirando pressões indirectas por intermédio de vários ministérios, procurava-se isolar o autor nacional, tornando-o inconveniente às instituições privadas, dificultoso para a indústria do livro e socialmente inoperante ou irrepresentativo. [...] Em qualquer destas ‘Três Regras para Exilar o Escritor Quando Vivo’ o denominador era o mesmo: falsificar, confundir valores. O resto, pensava a Censura, viria por si (Pires, 1977, p. 231-233).

Esses materiais somente publicados pós-revolução ou pós-morte dos autores abriram aos olhos dos leitores as oficinas de criação e como nelas reverberavam as trevas que marcavam os dias portugueses de 48 anos de ditadura. Os pesquisadores também contam atualmente com os espólios desses escritores e isso significa poder verificar por dentro não só um tempo e um espaço profundamente controlados pelas estratégias persecutórias do Regime como também o trabalho contínuo de enfrentamento disso por meio das linguagens ficcional e poética.

No acervo literário⁹ de Carlos de Oliveira, em diálogo com outros espólios de camaradas com os quais mais dialogou, destacam-se a importância da correspondência trocada e o modo como esse poeta e romancista – considerado pelo escritor e jornalista Baptista Bastos “um homem do 25 de abril antes do 25 de abril” (Bastos, 1986, p. 20) – reflete sobre a situação da criação literária. No exame desse material, o analista atento pode compreender como os artistas viviam o tempo opressor e o flagelo da censura, em suas diversas faces, problematizando os gestos de escrita e, sobretudo, discutindo entre si a circulação, a divulgação e a recepção pela leitura ou por performances (teatro, declamações públicas e música) logo proibidas a depender do grau de adesão do público. As cartas mostram-nos os impasses nos projetos literários e a resistência a ações autoritárias que cercavam esses escritores num país mergulhado no fascismo que parecia não ter fim.

Um exemplo: no espólio de Carlos de Oliveira, há algumas cartas e bilhetes postais assinados pelo então jovem poeta Gastão Cruz¹⁰. Em carta de 21 de agosto de 1965 (E-CO, caixa 61, doc. 4), Cruz comenta o que ocorreu com as respostas de poetas a um inquérito que seria publicado num jornal:

os que nos odeiam e perseguem, os neo-nazistas que, segundo o nosso amigo Salema, comandam a censura, ‘atiraram-se ao inquérito como gato a bofe’ (são também palavras do Salema) e cortaram a torto e a direito, após uma campanha do *Diário da*

⁹ Esse acervo, doado por sua viúva Maria Ângela de Oliveira, encontra-se no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira, e está aberto à investigação dos interessados.

¹⁰ No texto “Que lhe diremos, Mestre” (Cruz, 1992, p. 60-62), explica como começou a amizade com Carlos Oliveira. “Conhecera-o em 1962 ou 1963, na Portugalina Editora, que acabava de publicar-lhe as *Poesias*”. (p. 60)

Manhã contra a iniciativa. [...] Assim, cortaram, na íntegra, as minhas conclusões, bastante no depoimento de José Gomes Ferreira, um bom bocado no de Ruy Belo e até dois períodos do Herberto Helder.

Mais adiante comenta:

[...] O *Diário de Lisboa* não quis publicar a série sem as conclusões. Acabo de redigir outras, mais incolores, a ver se passam. Mas duvido, pois os cortes são absurdos, quase todos e o que eles querem é acabar com isso que os incomoda (é proibido falar de crises! [...]) O seu depoimento, então, será de certo, bastante sacrificado... pelas ‘almas contra-revolucionárias’. Insisti para que saiam as respostas na 5ª. Feira, que, apesar dos cortes, mantêm muito interesse, mesmo que as conclusões voltem a ser recusadas. [...]

Um outro documento bastante significativo, pós-25 de Abril, é um cartão postal que Gastão Cruz envia para Carlos de Oliveira, em 26 de agosto de 1976. Entre os dois, aliás, Camões já era um nome muito vivo. Em texto publicado em 1999, na segunda edição corrigida e aumentada de *A poesia portuguesa hoje*¹¹, Gastão escrevia sobre o escritor mais velho:

¹¹ Em 1973, o jovem poeta e crítico Gastão Cruz publicou um pequeno livro intitulado *A poesia portuguesa hoje*. Nele incluiu os textos “O peso das palavras na poesia de Carlos de Oliveira” e “Esquecimento e memória na poesia de Carlos de Oliveira”. Em 1999, Cruz faz uma segunda edição, explicando: “Publiquei, há mais de vinte e cinco anos, um livro intitulado *A Poesia Portuguesa Hoje*, de que o presente volume recupera grande parte dos textos. É, todavia, maior o número dos que acrescento agora aos que se mantiveram da edição de 1973”. (Cruz, 1999, p. 7). Na nova edição, repete os dois textos já referidos e acrescenta: “Finisterra ou a geometria do real”, “Que lhe diremos, Mestre”, “Carlos de Oliveira: uma poética da brevidade no contexto do Neo-Realismo” e “Carlos de Oliveira: a linguagem dos artesãos”.

parece-me, porém, evidente o muito de camoniano que existe na tradição poética seguida por Carlos de Oliveira; a sua poesia estabelece um diálogo, quer com a lírica de Camões (a tristeza, nomeadamente, é também uma pedra de base da temática camoniana), quer com o lado da épica que se refere à ‘austera, apagada e vil tristeza’ do Portugal contemporâneo de Camões, um Portugal à beira do precipício, como o de Carlos de Oliveira (Cruz, 1999, p. 66).

E mais adiante afirma que Camões era um dos mestres de Carlos de Oliveira (Cruz, 1999, p. 72).

O próprio Gastão Cruz, formado nessa tradição clássica, deixou muitos poemas embebidos nas águas camonianas, como, por exemplo, o conjunto de dez canções constitutivas do livro *Outro nome* (1965). Citamos somente duas estrofes finais da sua “Canção Décima”:

[...]

Quem poderá tranquilo olhar as águas
do tejo de desgraça semeadas
quem poderá amar este sossego
quem amará o fogo da paz falsa

Correrão águas limpas neste rio
onde chega hoje o sangue em vão perdidos
e canção cantaremos a diversa
vida nossa e do tejo
(Cruz, 1965, p. x).

Mas voltemos ao postal enviado por Gastão Cruz a Carlos de Oliveira, cujo verso reproduzimos a seguir (Fig. 1):

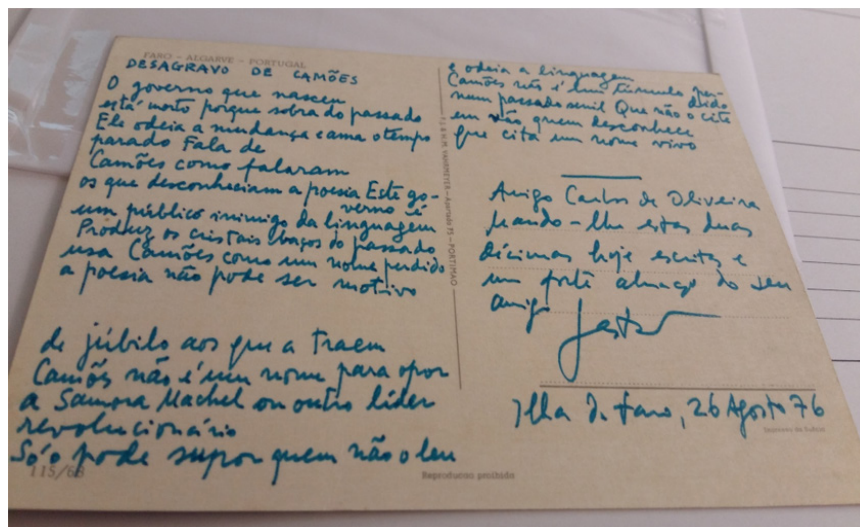


Figura 1 – Postal (doc. 17) depositado na Caixa 61, Cota A25/6.2.1048.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Enviado da Ilha do Faro, em 26 de agosto 1976, trata-se, como se vê na imagem, de um desagravo de Camões. O contexto dessas décimas não pode ser explicado em detalhes, mas sabemos, consultando jornais da época, que nesse ano (em março e abril), houve a campanha eleitoral para eleição do primeiro presidente português pós-revolução. O vencedor foi António Ramalho Eanes, que em campanha mais de uma vez referiu Camões. Em julho do mesmo ano, tomou posse o Primeiro Governo Constitucional, liderado pelo 1º Ministro Mário Soares. Este socialista de centro-esquerda assumia o governo num ambiente político bastante conturbado. O Partido Comunista, antes, tentara manobra política para tomar o poder. Tendo perdido, acusava o novo governo de inclinação para a direita. Essa situação, de certa maneira, marcou o fim da utopia revolucionária com o país entrando numa fase mais conservadora e em dúvida sobre a possibilidade de transformações sociais mais radicais, como explicam diversos historiadores desse período.

Os versos do postal mostram como Camões e sua palavra continuavam a ser uma pedra de toque importante do jogo de versões sobre o

Portugal perdido e o país revolucionário. Vê-se pela crítica desenvolvida nas duas décimas que, culturalmente, Camões foi utilizado a tempo inteiro pelas diferentes posições políticas, para exaltar seus interesses.

Como pode-se ler, o postal é enviado “Ao amigo Carlos de Oliveira dando-lhe estas duas décimas hoje escritas e um forte abraço do seu amigo Gastão Cruz”.

O governo que nasceu
está morto porque sobra do passado
Ele odeia a mudança e ama o tempo
parado Fala de
Camões como falaram
os que desconheciam a poesia Este governo é
um público inimigo da linguagem
Produz os cristais baços do passado
usa Camões como um nome perdido
a poesia não pode ser motivo

de júbilo aos que a traem
Camões não é um nome para opor
a Samora Machel ou outro líder
revolucionário
Só o pode supor quem não o leu
e odeia a linguagem
Camões não é um túmulo perdido
num passado senil Que não o cite
em vão quem desconhece
que cita um nome vivo¹²

¹²Em 2002, numa obra intitulada *Camões, grande Camões*, esse poema foi publicado de forma reduzida: “Falamos de Camões como falaram os/que desconheciam a poesia /Produzem cristais baços do passado usam Camões como um nome perdido /a poesia não pode ser motivo /de júbilo aos que a / traem /Camões não

Interessa-nos destacar nesta leitura não os conflitos políticos de uma época conturbada, mas a valorização que um poeta jovem – que era então Gastão Cruz (o qual tinha 35 anos) – faz de Camões, mostrando sua ressonância contemporânea e força de linguagem, por isso “um nome vivo”. Isso é muito importante porque significa a força desse poeta clássico que conseguiu superar seu tempo e se tornar um contemporâneo insubmisso. Todo o uso vil de sua épica ou lírica, com o intuito de silenciar o que havia de crítica, denúncia e consciência política, foi em vão, porque esse uso se confrontava com a realidade do texto literário.

Por fim, lembremos, já finalizando nossa reflexão, um outro poeta que, mais do que os outros, mostrou um Camões vivo. Falamos é claro de Jorge de Sena e referimos o seu discurso da Guarda, proferido em 10 de junho de 1977 e que deveria ser mais lido para compreender melhor a alta ressonância camoniana. As palavras proferidas por Jorge de Sena ainda são palavras para hoje e com elas podemos encerrar esta breve abordagem da luta empreendida por escritores portugueses por meio de suas palavras, representados ontem e ainda hoje por Camões “dramático e dividido”, “subversivo e revolucionário”.

Com efeito, em 1978, cumprem-se trinta anos sobre a primeira vez que, de público me ocupei de Camões, iniciando o que, sem vaidade me permito dizê-lo, tem sido uma contínua campanha para dar a Portugal um Camões autêntico e inteiramente diferente do que tinham feito dele: um Camões profundo, um Camões dramático e dividido, um Camões subversivo e revolucionário, em tudo um homem do nosso tempo, que poderia juntar-se ao espírito da Revolução de Abril de 1974, e ao mesmo tempo sofrer em si mesmo as angústias e as dúvidas do homem moderno que não obedece a nada nem a ninguém senão à

é um túmulo perdido / num passado senil // Que não o cite / em vão quem desconhece / que cita um nome vivo”.

sua própria consciência. Esse meu Camões foi longamente o riso dos eruditos e dos doutos, de qualquer cor ou feitio; foi a indignação do nacionalismo fascista, dentro e fora das universidades, dentro e fora de Portugal; foi a aflição inquieta do catolicismo estreito e tradicional, dentro e fora de Portugal; e foi a desconfiança suspeitosa de muita gente de esquerda, a quem eu oferecia um Camões que deveria ser o deles, quando eles preferiam atacar ou desculpar o Camões dos outros. Foi e ainda é, e será. Porque, sendo Camões o maior escritor da nossa língua que é uma das seis grandes línguas do mundo e um dos maiores poetas que esse mundo alguma vez produziu (ainda que esse mundo, na sua maioria, mesmo no Ocidente, o não saiba), ele é uma pedra de toque para portugueses, e porque tentar vê-lo como ele foi e não como as pessoas quiserem ou querem que ele seja, é um escândalo. São essa pedra de toque e esse escândalo o que, neste momento solene, a três anos de distância do 4º. centenário da morte do maior português de todos os tempos, vos trago aqui, certo e seguro de que ele mesmo assim o desejaria (Sena, 2013 [1977])¹³.

RECEBIDO: 02/10/2025

APROVADO: 15/10/2025

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

A VIDA clandestina. *100 anos de luta*, Lisboa, [20--]. Disponível em: <https://www.pcp.pt/100anos#seccao-um-ideal-pelo-qual-vale-a-pena-lutar>. Acesso em: 5 out. 2025.

BASTOS, Baptista. “A liberdade permitiu-nos o exercício da consciência livre”. *Diário de Lisboa*, Lisboa, ano 66, n. 22045, p. 20. 25 abr. 1986.

¹³ Discurso proferido na cidade da Guarda, durante as comemorações do “Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas”, no dia 10 de junho de 1977 – o primeiro depois da “Revolução dos Cravos”. Além de Jorge de Sena, foi orador Vergílio Ferreira, na presença do Presidente Ramalho Eanes, de altas autoridades e de enorme plateia.

- CRUZ, Gastão. *Outro nome*. Poema em dez canções. Lisboa: Guimarães Editores, 1965.
- CRUZ, Gastão. *A poesia portuguesa hoje*. Lisboa: Plátano Editora, 1973.
- CRUZ, Gastão. *A poesia portuguesa hoje*. 2. ed., corrigida e aumentada. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.
- CUNHA, Carlos M. F. da. O Camões do Estado Novo: receção e ensino. *Atas do Colóquio Internacional Camões e os seus Contemporâneos*. Braga e Ponta Delgada: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2012. p. 253-258. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/server/api/core/bitstreams/bcac2801-149a-43e1-accd-8ad9bc533369/content>. Acesso em 30 set. 2025.
- DUARTE, Afonso. *Obra poética*. Organizado por Carlos de Oliveira e João José Cochofel. Lisboa: Iniciativa Editoriais, 1956.
- FERREIRA, José Gomes. *A memória das palavras (ou) O gosto de falar de mim*. 2. ed. Lisboa: Portugália, 1966.
- FERREIRA, José Gomes. *Dias comuns I Passos efémeros, Diário*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- FERREIRA, José Gomes. *Dias comuns II A idade do malogro, Diário*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- FERREIRA, Vergílio. *Conta corrente I – 1969-1981*. Lisboa: Quetzal, 2012.
- HIGNETT, Colin. Carlos de Oliveira and the New State Censors. *Portuguese Studies*, [S. l.], v. 4, p. 219-32, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41104866>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- OLIVEIRA, Carlos de. *Obras de Carlos de Oliveira*. Lisboa: Caminho, 1992.
- MENDES, Neto. Carlos de Oliveira, memória de gandarês universal. *Junta da Freguesa de Vila de Febres*, Vila de Febres, c2025. Disponível em: https://www.freguesiadefebres.pt/freguesia/locais-a-visitar/1-museu_casa_carlos_de_oliveira. Acesso em: 16 out. 2025.
- PIRES, José Cardoso. *E agora José?* Lisboa: Moraes, 1977.
- SENA, Jorge. Discurso da Guarda. 10 jun. 1977. *Ler Jorge de Sena*, [S. l.], 30 jan. 2013. Disponível em <https://www.lerjorgedesena.letras.ufrj.br/antologias/declaracoes-publicas/discurso-da-guarda/>. Acesso em: 30 set. 2025.

MINICURRÍCULO

IDA ALVES é Professora Titular de Literatura Portuguesa, Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação Estudos de Literatura – UFF. Coordenadora do Pólo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB), no Real Gabinete Português de Leitura. Pesquisadora 1D do CNPq. Coordena o site *Escritor Carlos de Oliveira*. Autora e coautora (organizadora) de diversos livros, capítulos e artigos em revistas acadêmicas brasileiras e estrangeiras sobre poesia portuguesa moderna e contemporânea, além de estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa. Destaca *Revistas de poesia: Brasil / Moçambique / Portugal* (e-book, 2022); *Carlos de Oliveira e Nuno Júdice, poetas personagens da linguagem* (e-book, 2021); *Paisagens em movimento Rio de Janeiro e Lisboa cidades literárias*, 3 v. (2020-2021).